

Geração Europa?

Um estudo sobre a jovem emigração qualificada para França

João Teixeira Lopes

GERAÇÃO EUROPA?

UM ESTUDO SOBRE A JOVEM EMIGRAÇÃO QUALIFICADA
PARA FRANÇA

Com a colaboração de
Ana Filia Rodrigues
Ana Chaves
Cátia Santarém
Rute Teixeira



LISBOA, 2014

© João Teixeira Lopes, 2014

João Teixeira Lopes

Geração Europa? Um estudo sobre a jovem emigração qualificada para França

Primeira edição: dezembro de 2014

Tiragem: 300 exemplares

ISBN: 978-989-8536-39-6

Depósito legal:

Composição em caracteres Palatino, corpo 10
Conceção gráfica e composição: Lina Cardoso
Capa: Nuno Fonseca
Revisão de texto: Manuel Coelho
Impressão e acabamentos: Europress, Ld.^a

Este livro foi objeto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa
Tel.: (+351) 217 903 238
Fax: (+351) 217 940 074
E-mail: editora.cies@iscte.pt
Site: <http://mundossociais.com>

Índice

Índice de figuras e quadros	ix
Agradecimentos	xiii
Introdução	1
Desenho metodológico	2
De como encontrei a emigração não qualificada	4
O texto	6
1 Permanência e mudança na emigração portuguesa	7
A permanência	7
As recomposições	9
Incerteza	11
País inclassificável?	11
2 A partir dos números	15
Jovens, mulheres, solteiras: um novo perfil de emigração.....	15
O esgotamento do modelo de ocupação territorial português baseado na urbanização do litoral	16
Crise, o grande detonador	17
Paris ainda brilha	19
Escolarizados, em mobilidade social bloqueada	22
Trabalho	27
Um retrato breve dos progenitores	28
Razões para sair de Portugal	31
Sem esperança, mas sem desespero	38
França, destino promissor	39
Uma nova geração de emigrantes	42
O momento de emigrar e a organização da saída	43
Um regresso improvável (no curto e médio prazo)	52
Em síntese	53

3	A partir das “vozes”	55
	Síntese dos retratos: linhas de convergência e de divergência	82
4	Conclusões	
	Emigrar para deixar de ser jovem	87
5	Recomendações	
	Novos caminhos para as políticas públicas de emigração ou a emergência da geração Europa	89
Anexo A		
	Questionário.....	93
Anexo B		
	Projeto Nova Emigração	
	Guião de entrevista para os retratos sociológicos	103
	Referências bibliográficas	105

Índice de figuras e quadros

Figuras

1.1	Emigrantes por mil habitantes (1960-2012).....	9
1.2	Emigrantes por tipo (1976-2012).....	10
1.3	Emigração por tipo e por sexo (1992-2012).....	10
2.1	Proveniência dos inquiridos (distritos).....	18
2.2	Regiões francesas de destino.....	21
2.3	Grau de concordância face a “Sempre desejei sair do país após concluir o curso”, por áreas profissionais.....	32
2.4	Grau de concordância face a “Não consegui encontrar emprego, apesar de várias tentativas”, por área profissional.....	34
2.5	Grau de concordância face a “Em Portugal não consigo progredir em termos de formação”, por área profissional.....	36
2.6	Grau de concordância face a “Em Portugal não consigo ter dinheiro para constituir família”, por área profissional.....	37
2.7	Grau de concordância face a “O mercado de trabalho em França reconhece melhor as minhas qualificações”, por área profissional.....	41
2.8	Grau de concordância face a “Em França as possibilidades de satisfação e autonomia no trabalho são maiores”, por área profissional.....	41
2.9	Grau de concordância face a “Organizei a minha saída com ajuda da entidade para onde fui trabalhar”, por área profissional.....	45
2.10	“Com que frequência contacta com portugueses em França”, por área de formação.....	51

Quadros

2.1	Distribuição dos inquiridos por sexo.....	16
2.2	Distribuição dos inquiridos por idades.....	16

2.3	Distribuição dos inquiridos por estado civil	16
2.4	Distribuição dos inquiridos por distrito de residência de origem em Portugal	17
2.5	Período de tempo a residir em França pelos inquiridos.....	17
2.6	Região de residência dos inquiridos em França	20
2.7	Região do local de trabalho em França dos inquiridos.....	20
2.8	Nível de formação dos inquiridos	23
2.9	Nível de escolaridade do cônjuge dos inquiridos	23
2.10	Nível de escolaridade do pai dos inquiridos.....	23
2.11	Nível de escolaridade da mãe dos inquiridos	23
2.12	Licenciatura dos inquiridos.....	24
2.13	Instituições de licenciatura dos inquiridos	24
2.14	Mestrado/pós-graduação dos inquiridos	25
2.15	Instituições de mestrado/pós-graduação dos inquiridos	26
2.16	Ocupação atual dos inquiridos	27
2.17	Situação profissional dos inquiridos.....	28
2.18	Outra situação profissional dos inquiridos.....	28
2.19	Tipo de empresa onde trabalham os inquiridos	28
2.20	Situação profissional do pai dos inquiridos	29
2.21	Outra situação profissional do pai dos inquiridos	29
2.22	Situação profissional da mãe dos inquiridos.....	29
2.23	Outra situação profissional da mãe dos inquiridos	30
2.24	Grau de concordância face a “Sempre desejei sair do país após concluir o curso”, por sexo	30
2.25	Grau de concordância face a “Sempre desejei sair do país após concluir o curso”, por idade	30
2.26	Grau de concordância face a “A minha família sempre me estimulou a procurar emprego fora”, por sexo	32
2.27	Grau de concordância face a “Não consegui encontrar emprego, apesar de várias tentativas”, por sexo	32
2.28	Grau de concordância face a “Não consegui encontrar emprego, apesar de várias tentativas”, por idade	33
2.29	Grau de concordância face a “Sempre gostei de viajar e trabalhar fora”, por idade.....	34
2.30	Grau de concordância face a “Em Portugal não consigo progredir em termos de formação”, por sexo.....	34
2.31	Grau de concordância face a “Em Portugal não consigo progredir em termos de remuneração”, por sexo	36
2.32	Grau de concordância face a “Em Portugal não consigo ter dinheiro para constituir família”, por sexo	36
2.33	Grau de concordância face a “Em Portugal não consigo ter uma casa própria”, por sexo	37
2.34	Grau de concordância face a “Estava a ficar desesperado(a) por não conseguir subsistir”, por sexo	39

2.35	Grau de concordância face a “Estava a ficar desesperado(a) por não conseguir subsistir”, por idade.....	39
2.36	Grau de concordância face a “A França atrai-me como país de futuro”, por sexo	40
2.37	Grau de concordância face a “O mercado de trabalho em França reconhece melhor as minhas qualificações”, por sexo.....	40
2.38	Grau de concordância face a “Em França as possibilidades de satisfação e autonomia no trabalho são maiores”, por sexo.....	40
2.39	Grau de concordância face a “A minha família tem tradição de emigrar”, por sexo	42
2.40	Grau máximo de concordância face às várias afirmações.....	43
2.41	Grau de concordância face a “Organizei a minha saída sozinho e com informação”, por sexo	44
2.42	Grau de concordância face a “Organizei a minha saída com ajuda de família e amigos em Portugal”, por sexo	44
2.43	Grau de concordância face a “Organizei a minha saída com ajuda de família e amigos em França”, por sexo	44
2.44	Grau de concordância face a “Organizei a minha saída com ajuda da entidade para onde fui trabalhar”, por sexo.....	44
2.45	Grau de concordância face a “Organizei a minha saída com ajuda da entidade para onde fui trabalhar”, por idade.....	44
2.46	Grau de concordância face a “Organizei a minha saída com ajuda da instituição de ensino superior onde estudei”, por sexo	46
2.47	Grau de concordância face a “Organizei a minha saída com ajuda da instituição de ensino superior onde estudei”, por idade.....	46
2.48	Grau de concordância face a “Organizei a minha saída com ajuda de entidades oficiais portuguesas”, por sexo	46
2.49	Grau de concordância de “Organizei a minha saída com ajuda de entidades oficiais francesas”, por sexo.....	46
2.50	Grau de concordância mais elevado nas diferentes afirmações.....	47
2.51	“Como saiu de Portugal”, por sexo.....	48
2.52	“Vivo sozinho em França”, por sexo.....	48
2.53	“Vivo com namorado(a) em França”, por sexo.....	48
2.54	“Vivo com namorado(a) em França”, por idade.....	48
2.55	“Com que frequência contacta com portugueses em França”, por sexo	50
2.56	“Com que frequência contacta com portugueses em França”, por idade.....	50
2.57	“Com que frequência contacta entidades oficiais portuguesas”, por sexo	51
2.58	“Como descreveria a sua experiência em França”, por sexo.....	51
2.59	Razões da resposta anterior.....	52
2.60	“Pretende regressar a Portugal?”, por sexo	53
3.1	Dimensões de caracterização dos retratos sociológicos	83
3.2	Retratos por tipologia	84

Introdução

Contornos de um fenómeno emergente

Este estudo resulta da resposta positiva a um desafio lançado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto pela Direção-Geral das Comunidades Portuguesas e dos Assuntos Consulares no sentido de se desenvolverem estudos de caso sobre os fenómenos emigratórios na atualidade portuguesa.

Muitas pessoas perguntaram-me por que decidi estudar emigrantes qualificados que escolhiam a França como destino. Em primeiro lugar, diziam, aliás com razão, o recrudescimento das saídas continua a ser protagonizado por pessoas com pouca qualificação; em segundo lugar, a minoria de qualificados que compõe a nova vaga emigratória dirige-se a outros países (Inglaterra, Alemanha, Suécia, Noruega, Brasil, Angola...) que não a França.

É verdade que a esmagadora maioria dos que saem tem fraca escolarização (ainda assim, é claramente superior à das anteriores vagas, pelo próprio processo estrutural de forte expansão da escolaridade obrigatória das últimas décadas); é verdade, também, que nunca deixou de existir emigração, apesar do deslumbramento fátuo dos anos 90 (os “gloriosos anos” da modernização à portuguesa), em que a imigração provisoriamente suplantou as saídas; é verdade ainda, que os *mass media* parecem ter esquecido os “velhos” emigrantes, num encantamento pelo que é “sexy” (jovem, escolarizado, urbano e cosmopolita). Cogo e Badet, no seguimento de Padilla, referem com acutilância os vieses ideológicos que pressupõem amiúde distinções estigmatizantes: “a noção de migração qualificada abriga uma perceção dominante que tende a definir os migrantes principalmente como os que têm braços e mãos (denominados comumente de ‘migração laboral’ ou ‘económica’) ou como os que têm cérebro (denominados comumente de ‘migração de talentos’, ‘migração altamente qualificada’, ‘fuga’ ou ‘drenagem de cérebros’)” (Cogo e Badet, 2013: 35), sendo os primeiros “necessários” e os segundos “desejados” (Padilla, 2010).

Experimentei, além do mais, grandes dificuldades em constituir uma amostra. Apesar das múltiplas bolas de neve que tentei fazer rolar em simultâneo (Embaixada, Consulados, Universidades, associações da comunidade portuguesa em França, agências bancárias, rede de autarcas luso-descendentes...), apenas

consegui encontrar inquiridos (113) e entrevistados (14) através da Casa de Portugal em Paris, das *Alliances Françaises* e, principalmente, das redes sociais (Facebook e LinkedIn). Em suma, obtive uma amostra de conveniência e sem representatividade estatística, o que, por si só, comprova que há pouca emigração qualificada para França.

Então por que os estudei? Precisamente porque são estatística e oficialmente invisíveis; sem registo pelos aparelhos estatísticos nacionais (movimentam-se no espaço Schengen, que pretende abolir os registos e as restrições à mobilidade), sem rasto nas autoridades francesas e portuguesas, que raramente contactam. E ainda porque o retrato mediático tende a ser redutor e quase só baseado em experiências subjetivas (que, não devendo ser ignoradas, podem ser matizadas por padrões e regularidades).

Desenho metodológico

Precisemos as questões metodológicas. A minha primeira opção consistiu na articulação de procedimentos extensivos com procedimentos intensivos, para potenciar a articulação entre dimensões do objeto de estudo, favorecendo ainda a chamada triangulação. De início, lancei um inquérito por questionário (ver anexo A) destinado a jovens e jovens adultos entre os 20 e os 35 anos, com pelo menos uma licenciatura completa, de modo a mapear regularidades sociodemográficas (origens, destinos, inserções sociais, trajetórias...) e para resgatar representações, atitudes e opiniões, sempre com o objetivo de encontrar conjuntos de variáveis explicativas. O alargamento da condição juvenil contemporânea, com o prolongamento do chamado “período de moratória” e a “instalação” dos jovens em processos demorados de transição para a vida adulta (trabalho, conjugalidade, parentalidade) levaram-me a considerar este dilatado intervalo etário.

Como já disse, não foi desígnio fácil recolher respostas, uma vez que acionei dezenas de bolas de neve em simultâneo (patentes nos agradecimentos), que se revelaram, no geral, infrutíferas, apesar dos bons ofícios da rede consular, de alguns média de língua portuguesa (*Lusojournal*, agência Lusa, *Radio France Internationale*) e de vários representantes (associativos, profissionais e políticos) da comunidade portuguesa, a par da ajuda valiosa da Proalv, agência nacional para a aprendizagem ao longo da vida, gestora, em Portugal, dos programas de mobilidade estudantil europeia. Dos esforços iniciais, apenas as *Alliances Françaises* e a “Casa de Portugal / Résidence André Gouveia” conseguiram recolher algumas dezenas de respostas (cerca de 20% da amostra em cada um dos casos). Além do mais, a França não possui registos por nacionalidade, nem é possível seguir as mudanças de morada das populações migrantes, uma vez que o último governo a fazê-lo foi o do regime colaboracionista de Vichy (1940-44), pelo que, após a libertação, tal legislação foi abolida não mais sendo recuperada (Héran, 2012). Mesmo os títulos de residência apenas se aplicam aos imigrantes não europeus, dado que o funcionamento do espaço Schengen (para o qual a França entrou em 1985 e Portugal em 1991) permite a livre circulação no espaço comunitário, não só para movimentos de trabalhadores mas

para todos os cidadãos (Laacher, 2012).¹ De um ponto de vista estritamente jurídico (que não sociodemográfico) estes sujeitos não são classificados como “imigrantes” em França. Aliás, outra das peculiaridades do “modelo de integração francês” consiste em não reconhecer a dupla nacionalidade, tratando os binacionais como cidadãos franceses e registando-os como tal, mesmo sem os obrigar a renunciar à nacionalidade de origem.

Assim, segui os conselhos de alguns informantes privilegiados que me aconselharam a usar as redes sociais, particularmente o Facebook e o LinkedIn, mas também alguns fóruns *online*. Coloquei a intervalos relativamente curtos *posts* informativos e apelativos, solicitando o preenchimento do inquérito, quer utilizando um anexo em branco e a possibilidade de posteriormente o enviar completado para uma conta de correio eletrónico, quer através da disponibilização do questionário como Google *docs*. Os inquéritos recolhidos por este meio alcançaram 53% do total das 113 respostas validadas.

Deste modo, a amostra não pode ser considerada estatisticamente representativa. É uma amostra de conveniência, que obedece aos objetivos da pesquisa. Aliás, esse requisito nunca poderia ser determinante, uma vez que estamos a analisar um fenómeno emergente face ao qual se desconhece o universo de referência. Mas creio estar em condições de afiançar que o moroso e complicado processo de recolha de respostas comprova quer a invisibilidade destes emigrantes, quer a reduzida dimensão (embora em crescendo) dos jovens emigrantes qualificados em França.

Em segundo lugar, realizei 14 entrevistas semidiretivas a respondentes do questionário que, em campo próprio, assinalaram disponibilidade, fornecendo um contacto. O guião (anexo B) prova a forte componente biográfica e a procura de conhecer em detalhe o percurso que culminou na decisão de emigrar, varrendo os principais agentes e princípios de socialização que, em vários domínios, construíram o ator plural em causa. Em geral foram entrevistas com uma hora de duração. Em 1/3 dos casos, realizaram-se via Skype; nas demais situações aproveitando deslocações a Portugal dos entrevistados ou durante as quatro estadas de trabalho de campo em França (duas em Paris, uma em Marselha e outra ainda em Bordéus, seguindo conselhos preciosos e avisados do sociólogo Jorge Portugal Branco, da Embaixada de Portugal em França). Na análise de tal informação, depois de transcritas as entrevistas, apresentei os resultados na forma de 13 retratos sociológicos (uma das entrevistas não continha informação suficiente para a construção do retrato), seguindo as pisadas do sociólogo francês Bernard Lahire (2001, 2002) que pretende, sem cedências ao psicologismo ou às derivas individualistas pós-modernas, construir uma sociologia à escala individual.

A entrevista tinha por intenção despertar a reflexividade do ator. O próprio processo de comparar domínios da experiência exerce esse apelo, a par da revisitação biográfica. A dignificação ontológica e epistemológica dos sujeitos levou-me a

1 Apesar de se terem reforçado as medidas de proteção face aos fluxos de não europeus e de se privilegiar uma gestão fundamentalmente intergovernamental e não tanto comunitária, bem patente na coordenação de polícias e na criação de sistemas integrados de vigilância eletrónica.

pedir-lhes uma avaliação do seu próprio percurso. Sem esquecer as distâncias que existem entre práticas declarativas e práticas efetivas, nem tão-pouco o afã objetivador e desocultador da sociologia, julguei crucial, para uma sociologia pública, incorporar a perspectiva dos entrevistados no delinear de políticas de emigração.

Os atores sociais estão longe, assim o penso, do modelo sonâmbulo e passivo do *cultural dope*: reinterpretam ativamente e criticamente as condições objetivas de existência e os constrangimentos que pesam sobre a ação; elaboram estratégias e projetos dentro de um campo de possíveis. Em suma, a situação de entrevista constituiu-se, ela própria, num contexto de ativação de competências reflexivas, tanto por parte do entrevistador quanto do entrevistado, mormente quando o seu guião adota a configuração de retrato sociológico.

De como encontrei a emigração não qualificada

A maior parte dos relatos dos informantes privilegiados (funcionários consulares, académicos, líderes associativos, vereadores e conselheiros municipais, jornalistas, financeiros e bancários), ainda que perpassados de um suposto conhecimento sobre esta nova realidade de jovem emigração qualificada, reenviavam-me para a persistência de fluxos marcados pela baixa escolaridade, cariz temporário e, em alguns casos, informalidade.

Nos consulados era-me referida amiúde a procura de cursos de língua francesa por parte de imigrantes recém-chegados à procura de emprego ou cujas empresas não forneciam essa possibilidade. Por outro lado, mesmo a maior parte dos trabalhadores pouco qualificados não procura os serviços consulares, a não ser numa situação de dificuldade profissional, ou pessoal e pontual — perda de documento, por exemplo. Além do mais, uma boa fatia destes fluxos, particularmente em regiões de alta produção agrícola ou de procura turística, são sazonais e/ou temporários, o que também se vai aplicando ao recrutamento de mão de obra para a construção civil, altamente dependente de “obras” e “projetos”. Nas palavras de António Rocha, cônsul-geral de Portugal em Bordéus:

É particularmente através do “curso de iniciação ao francês para portugueses recém-chegados à região” que desde há dois anos é ministrado neste posto de uma forma gratuita que, especialmente para o atual “ano letivo”, nos apercebemos de uma mudança “na nova vaga de imigração” que procura Bordéus (não digo instala porque boa parte é sazonal e/ou temporária e, verdadeiramente, não se instala com o caráter permanente que definia a emigração clássica e por isso mesmo muitos deles não recorrem aos serviços do Consulado). As inscrições no “curso” não só duplicaram (55) relativamente ao ano transato (28), mas também o perfil de aluno se alterou: desta feita, metade são jovens, e mulheres; um ou outro licenciado; a maioria, no entanto, muito mais qualificada do que o grupo socioprofissional que esmagadoramente compôs o curso anterior — homens, empregados na construção civil, mesmo que alguns deles tivessem outras condições profissionais pouco tempo antes, em Portugal, tais como comerciantes ou pequenos industriais. Como vêm legalizados, com contrato de

trabalho ou bons contactos e estão informados pela campanha “trabalhar no estrangeiro”, a necessidade do Consulado é marginal, e como são na maioria do Norte de Portugal, estão próximos do país, viajam com frequência de automóvel, camioneta ou comboio.

Neste setor, vários foram os informantes que me referiram dificuldades resultantes de uma competição, nem sempre legal, entre empresas portuguesas, empresas francesas de portugueses e empresas francesas de franceses. No primeiro caso, aplicando a legislação portuguesa, praticam-se salários, horários e condições de trabalho que reduzem os custos laborais e configuram, porventura, situações de *dumping social*. Em casos mais extremos, a perceção desta competição desigual leva a conflitos entre pequenos empresários, ou mesmo entre trabalhadores, nomeadamente em contextos de sociabilidade noturna em que se reúne a comunidade portuguesa.

Foram-me ainda mencionados episódios em que alguns nacionais, chegados sem qualquer contacto prévio com empresas e sem raízes na comunidade já instalada, se viram obrigados a mendigar, a viver como sem-abrigo ou a pernoitar nos carros. Nessas alturas, a solidariedade dos já instalados manifestava-se com generosidade. Contudo, é visível uma desclassificação simbólica por parte dos residentes em França, particularmente no caso dos mais velhos: amiúde se referiam aos novos emigrantes como “gente diferente”, “agarrada ao computador”, “que não se integra na vida associativa”, “que não quer trabalhar” e que “está a prejudicar a boa imagem dos portugueses em França”. Relatos houve, ainda, de comportamentos tidos como desviantes: toxicoddependência, furto, acumulação de dívidas a comerciantes.

A própria instalação destes trabalhadores, em geral temporários, cria barreiras face aos residentes: muitas vezes ficam em casa dos empreiteiros de ocasião, outras em pré-fabricados, outras ainda em pensões baratas. De acordo com informações fornecidas por representantes de agências bancárias portuguesas, os baixos salários e a necessidade de poupar ao máximo, as dívidas que se contraíram na origem contribuem para os retrair ainda mais, já que raramente se integram nos espaços-tempos de lazer das comunidades portuguesas. Os salários são frequentemente pagos em Portugal, pelo que as próprias necessidades de interlocução burocrática se reduzem ao mínimo.

Escassos foram, pois, os relatos sobre emigração qualificada. Uma autarca referiu-nos a vinda de casais de enfermeiros, extremamente bem pagos (4500 euros) que a cada 15 dias regressam a Portugal de automóvel ou utilizando as companhias *low cost* de aviação. Outra representante do poder municipal mencionou-nos a chegada de engenheiros agrónomos para trabalhar como assalariados rurais nas vindimas. Finalmente, uma académica apontou a dificuldade dos licenciados em conseguirem o reconhecimento dos diplomas ou mesmo um mapa de equivalências, quando pretendem prosseguir estudos em França. O sociólogo François Héran (Héran, 2012) refere números estatísticos que mostram que a França, apesar de atrair inúmeros estudantes estrangeiros, tem grandes dificuldades em inseri-los, sem perda de competências, no seu mercado de trabalho.

O texto

A apresentação, discussão e análise dos resultados será precedida de uma breve reflexão (capítulo 1) sobre continuidades, recomposições e mudanças nos fluxos emigratórios portugueses, apontando a diversificação crescente dos *modos de emigrar*.

O capítulo 2, elaborado a partir dos números do inquérito por questionário, apresentará uma panorâmica sociodemográfica dos respondentes, das suas origens sociais e demográficas; da sua trajetória escolar e de classe; das suas (des)inserções no mercado de trabalho; das razões para emigrar; da forma como o processo se desenrolou e da integração em França.

O capítulo 3, construído a partir das “vozes” que impregnam as entrevistas, sob o dispositivo do retrato sociológico, apresenta experiências e percursos, tentando, na diversidade das singularidades, descortinar padrões e tipologias.

Finalmente, as conclusões retiram ilações possíveis deste estudo para a (re)formulação de políticas públicas de emigração, apelando à constituição de uma *comunidade de comunidades*, bem como a novas formas de atuação da diplomacia.